

# DIÁLOGO E ALTERIDADE NO PROCESSO DE CRIAÇÃO DO ROTEIRO CINEMATográfico

DIALOGUE AND ALTERITY IN THE PROCESS OF SCREENWRITING

**MARIA AUGUSTA VILALBA NUNES**

Diretora e roteirista, sócia do produtora Novelo Filmes doutora pelo curso de Pós-graduação em Literatura de Universidade Federal de Santa Catarina.

E-mail: srtatuta@gmail.com

## **RESUMO**

O curta-metragem “Apenas o que você precisa saber sobre mim” é o ponto de partida para algumas reflexões sobre o processo de criação de um roteiro cinematográfico. A investigação parte de minha experiência pessoal enquanto roteirista e diretora do filme e analisa como trabalhar com uma personagem transexual trouxe para o processo de escrita uma intensa relação de diálogo e troca. Foi também através das observações sobre essa interação o que aproximou a presente análise dos conceitos de rizoma dos franceses Gilles Deleuze e Félix Guatarri e de constelação e limiar do alemão Walter Benjamin, potencializando assim as reflexões sobre o fazer do roteirista ao cruzá-las com o pensamento filosófico.

**Palavras-chave:** roteiro cinematográfico; rizoma; constelação; limiar, alteridade.

---

## **ABSTRACT**

The short film “Only what you need to know about me” is the starting point for some thoughts on the process of creating a screenplay. The research starts from my personal experience as the screenwriter and director of the film and analyses how the experience of working with a transgender character brought to the writing process an intense relation of dialogue and exchange. It was also through the observations on this interaction that approached the present analysis with the concepts of rhizome formulated by the french philosophers Gilles Deleuze and Felix Guatarri and the constellation and threshold concept formulated by the german Walter Benjamin, thus potentializing the reflections about the art of writing a script by crossing it with philosophical thoughts.

**Keywords:** screenplay; rhizome; constellation; thrershold; otherness.

Pensar sobre o processo de criação é algo que sempre me instigou. Desde minhas primeiras aventuras como roteirista de audiovisual me reservo um momento para refletir sobre como meus roteiros tornaram-se o que são. Essas reflexões geralmente partem de dentro para fora, isto é, o começo é fruto de uma análise de meus próprios processos e a partir deles saio e os cruzo com leituras teóricas e observações das vivências e diálogos com quem se dedica a produzir, escrever e a pensar o cinema.

Foi assim que as linhas de pensamento que agora tomam corpo nesse ensaio começaram a ser traçadas.

A análise parte de algumas reflexões suscitadas através da minha experiência ao escrever o roteiro do curta-metragem “Apenas o que você precisa saber sobre mim”<sup>1</sup>, primeiro filme que dirigi. Até então só havia escrito roteiros que foram dirigidos por outras pessoas e as reflexões desencadeadas em cada um dos processo acabaram por se mostrar bem diferentes. Afinal, quando a transposição da palavra à imagem é feita por um outro o roteiro é travessado por uma relação particular de alteridade pois nesse caso sua escrita passa necessariamente pelo diálogo do roteirista com o diretor. Nessa relação a forma como se dá a interação e as relações de poder que permeiam essa troca é crucial para definir os rumos que o roteiro tomará e como se materializará em imagem.

<sup>1</sup> O filme finalizado em 2018 é uma produção da Novelo Filmes e foi viabilizado através do Edital Prêmio Catarinense de Cinema. Dentre os prêmios e festivais que participou até então destacamos: Prix CCAS du court-métrage - Prix des Électriciens Gaziers do 30º Cinélatino-rencontres de Toulouse (2018), Melhor roteiro no 41º Festival Guarnicê de Cinema (2018), Melhor atriz na Mostra Diversidade do Curta Taquari (2019). Seleção oficial do 46º Festival de Gramado(2018); 64º Festival Internacional de curta-metragens de Oberhausen(2018); Inside Out – Toronto LGBT Film Festival (2018); 29º Festival Internacional de Curta-Metragens de São Paulo(2018); 28º Festival Internacional de curta do Rio de Janeiro(2018); 23º North Carolina Gay and Lesbian Film Festival; entre outros.



Enquanto que ao escrever e dirigir meu próprio filme observei que as relações de interação se multiplicaram e mudaram de nível pois o contato também se estendia para outros membros da equipe e a autoridade para definir os rumos do roteiro recaiam majoritariamente sobre mim.

Começo então a analisar o desenvolvimento de “Apenas o que você precisa saber sobre mim” tendo em vista a forma como pensei e conduzi seu processo de escrita, que para mim era novo mas ao mesmo tempo familiar, dada minhas experiências anteriores apenas como roteirista. Contudo, antes começar a análise é necessário introduzir algumas questões que venho pensando sobre o processo de criação, para assim deixar mais clara a abordagem que será desenvolvida. Minha leitura é travessada sobretudo pelo conceito de constelação e limiar do filósofo alemão Walter Benjamin e de rizoma dos franceses Gilles Deleuze e Félix Guatarri. Essas teorias soam distantes daquelas que normalmente norteiam o fazer do roteirista, mas ao fim mostram-se eficazes pois fogem dos esquemas mais técnicos e se aproximam do pensar filosófico, diversificando e potencializando as teorias sobre a escrita do roteiro.

O mais importante para entender a presente concepção do processo de criação do roteirista é pensar o roteiro como uma obra aberta, um organismo vivo e proliferante cuja construção se edifica e se transforma através do cruzamentos de diversos sujeitos – e sujeitos diversos – que de alguma maneira tocam roteiro com seus pensamentos, ideias e subjetividade. É através da concepção de uma obra sempre em construção que o conceito de rizoma, limiar e constelação atravessam minhas reflexões. Dito isso apresento aqui um dos aspectos da definição de rizoma segundo Deleuze e Guatarri que ajudaram a elaborar meus pensamentos :

Todo rizoma compreende linhas de segmentaridade segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído, etc; mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar. Há ruptura no rizoma cada vez que linhas segmentares explodem numa linha de fuga, mas a linha de fuga faz parte do rizoma. Estas linhas não param de se remeter uma às outras. É por isto que não se pode contar com um dualismo ou uma dicotomia, nem mesmo sob a forma rudimentar do bom e do mau. Faz-se uma ruptura, traça-se uma linha de fuga, mas corre-se sempre o risco de reencontrar nela organizações que reestratificam o conjunto, formações que dão novamente o poder a um significante, atribuições que reconstituem um sujeito (DELEUZE, GUATARRI, 1996, p.17)

No roteiro as linhas de desterritorialização se formam quando ele se abre à entrada de ideias vindas de fora, isto é, vindas de seu compartilhamento e troca com outros sujeitos ou simplesmente derivadas do observar ao redor, do estar atento às coisas que de alguma forma concernem à sua história e ao seu discurso. Essas linhas entram



em contato com a estrutura predefinida pelo roteirista e vão, em maior ou menor grau, modificando a narrativa. Algumas linhas tornam-se definitivas, visíveis e alteram a ordem ali estabelecida, enquanto outras, mas não menos importantes, podem não se tornar visíveis mas deixam sua marca, ainda que seja apenas como uma impressão. Desse modo, o trabalho do roteirista é estar atento a esses contatos, selecionando o que pode vir a potencializar o seu trabalho e excluindo o que ao seu ver não caberia na integração do corpo de sua construção. É nesse exercício de inserção e exclusão que o roteiro se organiza e reconstrói sua ordem, definindo assim o que a princípio será o trabalho “concluído”, isto é, a versão final do roteiro. Entretanto, é preciso estar ciente que esse fechamento é apenas aparente, pois quando chegam as outras fases de seu processo, como a produção e a exibição, ele novamente precisa se abrir.

É também dentro dessa perspectiva de abertura que o conceito Benjaminiano de constelação e limiar cruza meu caminho, pois, assim como as relações rizomáticas, uma estrutura constelacional reúne elementos diversos e está em constantemente transformação, abrindo-se sempre a novas fundamentações e resignificando as antigas. Para entendermos melhor o que isso significa cito a leitura do conceito trabalhado por Benjamin sob a perspectiva de Georg Otte e Miriam Lúcia Volpe:

(...) Surge aí um outro aspecto da constelação, que é o de limiar. Do mesmo modo que cada estrela marca o ponto extremo para o traçado das linhas imaginárias que as interligam, o uso que se faz da palavra em textos e contextos às vezes bem distantes marca os limites da mesma. Não se trataria como no dicionário, de um mínimo denominador comum que leva a troca indiscriminada dos sinônimos e às traduções de baixa qualidade, porém dos pontos extremos – das estrelas – que circunscrevem uma mesma palavra em todo seu alcance. Quanto maior a distância entre os textos, mais se faz valer a singularidade constelar da palavra que nele aparece. Não existiria um núcleo semântico ao qual as palavras pudessem ser reduzidas: o centro das constelações é vazio e as marcas que definem seu traçado são seus limiares. Como constelações, as palavras se caracterizam pelo “singular-limiar”. (38) (OTTE, VOLPE, 2000, p.39)

A referência aqui usada para falar da formação constelacional das palavras está ligada à resignificação e potencialização de seu conceito através de sua passagem pelos diversos textos e contextos que a usam. O centro vazio é o espaço aberto que permite a variação de significações e conceitos enquanto seus limiares são as fronteiras, os lugares de passagem pelos quais eles variam. Acredito que o roteiro possa ser pensado com uma estrutura constelacional cujos limiares estão sempre sendo tensionados por aquilo que vem de fora e que permitir que essa fronteira seja cruzada é, a meu ver, aquilo que sua escrita pode ter de mais potente.

A partir das reflexões traçadas acima começo a abordar algumas questões que permearam minha experiência ao escrever o roteiro de “Apenas o que você precisa saber sobre mim”. A mais marcante delas foi o fato da personagem principal do filme ser uma adolescente transgênero, o que me fez entender desde o princípio que por estar trabalhando um espaço que não era aquele do meu lugar de fala eu precisaria abrir o roteiro a interseção das vozes, subjetividades e vivências de pessoas transgênero. Desse modo, meu processo de escrita começa já consciente de que tudo aquilo que eu estava elaborando ali sozinha no isolamento da minha mesa deveria se transformar em uma experiência de caráter rizomático e teria obrigação, eu diria ética, de ser constelacional e romper os limiares da ficção em direção a realidade.

Dito isso farei um relato do processo tendo em vista a importância fundamental da expansão do roteiro para fora e da busca pelas linhas de desterritorialização que o conectaram à realidade e reorganizaram a ficção. O primeiro passo tomado foi iniciar o casting em busca de uma atriz trans para interpretar a protagonista Laura. O segundo passo foi abrir o roteiro para outras pessoas, trans e cis, que pudessem contribuir para a evolução da narrativa. Os contatos conseguidos já começaram a movimentar a história, entretanto, a peça fundamental ainda estaria por chegar ao projeto e seu nome é Alice.

Alice se inscreveu no teste de elenco e acabou por ser selecionada para interpretar Laura. Foi a partir de sua chegada e de uma intensa troca de diálogos e relatos de sua vivência enquanto adolescente trans, na época ela estava com dezesseis anos, que tudo aquilo já delineado no roteiro ganhou uma potência de verdade que não seria atingida de outra forma. Algumas cenas fundamentais das primeiras versões do roteiro, por exemplo, acabaram caindo quando em nossos diálogos ela dizia que dentro de sua experiência ela jamais faria aquilo – aqui é sempre preciso fazer um recorte, pois trata-se de uma menina branca e de classe média e isso certamente influencia em sua percepção de mundo. Já em outras cenas ela dizia sentir que expressavam sentimentos



que a atravessavam e ainda que ela possivelmente não fosse agir como Laura age na história ainda assim a cena não estava longe expressar a realidade. E foi assim, junto também com Aleff – o ator selecionado para contracenar com ela, também adolescente – que as cenas, os diálogos, a forma e a linguagem foram se modificando e continuaram se modificando até o fim, literalmente, pois inclusive durante as gravações as mudanças continuavam acontecendo.

Acredito que o fato de ter trabalhado com atores não profissionais e por ser minha primeira experiência como diretora teve também um grande peso nesse processo. Fomos todos descobrindo juntos, dentro de nossos potenciais e limitações, a melhor forma de trabalhar para extrair dessa relação o que em nossa concepção seria também o melhor para o filme. Dessa forma, existiram tentativas, às vezes exitosas e às vezes nem tanto, de cruzar aquilo que me movia enquanto autora daquilo que os movia enquanto atores e sujeitos. É claro que por se tratar de duas pessoas muito jovens, que estavam passando eles mesmos por um período de amadurecimento, tornava as coisas mais difíceis porém também mais interessantes para a caracterização das personagens, já que alguns dos conflitos que estavam na narrativa estavam também em suas vidas. Na época, Alice, por exemplo, passava, assim como a personagem Laura, pelo processo de se assumir para o mundo enquanto uma mulher trans e o que ela trouxe dessa vivência real ficou impresso na história dando ela uma força a mais.

Tudo isso que relato certamente causou um grande impacto no processo de construção do roteiro, sobretudo o diálogo com Alice, pois a relação de alteridade que permeia o filme está muito ligada a sua figura. Mas é importante ressaltar também que essa relação se abriu, em maior ou menor grau, para todas as outras áreas do filme, de forma que as vozes e subjetividades de todos e todas que trabalharam ou participaram do processo também tocaram de alguma maneira sua construção. Acredito que todos esses cruzamentos deslocaram minha presença enquanto autora e me atravessaram a

ponto de, como afirma Deleuze e Guatarri pensando sobre as experiências rizomáticas, “não ter mais importância dizer ou não EU. Não somos mais nós mesmos. Cada um reconhecerá os seus. Fomos ajudados, aspirados, multiplicados (DELEUZE, GUATARRI, 1996, p.10). O eu dentro desse processo de escrita e de escuta se dissolveu na multiplicação, abrindo caminhos para que cada um deixasse de alguma forma seu rastro no resultado final, não apenas do roteiro mas também do que vemos na tela.

Hoje com o filme pronto e circulando por diversos festivais pelo Brasil e pelo mundo a constelação por ele criada continua fazendo rizoma através daqueles que o assistem e fazem suas leituras e críticas tanto boas quanto ruins. Essas últimas são aquelas que nesse momento estão me fazendo repensar novamente processo e avaliar meus erros, que percebo não foram poucos. Por isso o filme segue traçando as linhas de fuga que continuam edificando e modificando esse organismo vivo e proliferante que é o roteiro cinematográfico e as imagens em movimento que dele derivam.

#### **BIBLIOGRAFIA**

BENJAMIN, Walter. **Origem do Drama Trágico Alemão**. Edição, apresentação e tradução de João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2005.

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. Introdução ao rizoma. In: *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia*, V.1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

OTTE, Georg, VOLPE Miriam Lúcia. Um olhar constelar sobre o pensamento de Walter Benjamin. In: **Fragmentos, número18**. Florianópolis, jan-jun, 2000.